

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E LETRAMENTO CRÍTICO: REFLEXÕES A PARTIR DO CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

ANTI-RACIST EDUCATION AND CRITICAL LITERACY: REFLECTIONS BASED ON THE SHORT STORY "MARIA" BY CONCEIÇÃO EVARISTO

EDUCACIÓN ANTIRRACISTA Y ALFABETIZACIÓN CRÍTICA: REFLEXIONES A PARTIR DEL CUENTO "MARÍA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria de Fátima Lemos Matos¹

Rozineide Iraci Pereira da Silva²

RESUMO: Esse artigo buscou abordar a importância da educação antirracista associada ao pensamento crítico nas escolas, utilizando o conto "Maria", de Conceição Evaristo, presente em seu livro *Olhos d'Água*, como instrumento de análise. Parte-se do reconhecimento de que a sociedade brasileira ainda é atravessada por desigualdades históricas decorrentes do processo de escravização, cujos reflexos se manifestam no racismo estrutural. O estudo tem como objetivo geral conscientizar os estudantes acerca do que é o racismo e dos impactos negativos que ele provoca, evidenciando que vivemos em uma sociedade ainda profundamente marcada pelo preconceito. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, desenvolvida com turmas do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública. Quanto à fundamentação teórica, este estudo apoia-se nas contribuições de autores como Mass e Silva (2022), Gomes (2023), Cosson (2020), entre outros. Os resultados indicam que a articulação entre letramento literário e letramento crítico favorece o desenvolvimento da argumentação, da empatia e da consciência social, além de fortalecer a valorização da identidade negra no espaço escolar. Conclui-se que a literatura afro-brasileira constitui ferramenta pedagógica relevante para a consolidação de práticas educativas comprometidas com a equidade racial e com a transformação social.

1

Palavras-chave: Educação antirracista. Letramento crítico. Racismo estrutural.

ABSTRACT: This article aimed to address the importance of anti-racist education associated with critical thinking in schools, using the short story "Maria," by Conceição Evaristo, from her book *Olhos d'Água*, as an analytical tool. It begins with the recognition that Brazilian society is still traversed by historical inequalities stemming from the process of enslavement, whose reflections manifest in structural racism. The study's general objective is to raise students' awareness of what racism is and the negative impacts it causes, highlighting that we live in a society still deeply marked by prejudice. The research adopts a qualitative approach, of the action-research type, developed with 9th-grade classes in a public school. Regarding the theoretical framework, this study relies on the contributions of authors such as Mass and Silva (2022), Gomes (2023), Cosson (2020), among others. The results indicate that the articulation between literary literacy and critical literacy favors the development of argumentation, empathy, and social awareness, in addition to strengthening the appreciation of Black identity in the school environment. It is concluded that Afro-Brazilian literature constitutes a relevant pedagogical tool for consolidating educational practices committed to racial equity and social transformation.

Keywords: Anti-racist education. Critical literacy. Structural racism.

¹Professora de Língua Portuguesa e estudante de Mestrado em Ciências da Educação pela Christian Business School (CBS).

²PhD em Ciências da Educação; Doutora em Ciências da Educação; Mestra em Ciências da Educação; Especialista em Escrita Científica Avançada; Psicopedagoga; Pedagoga; Professora do Ensino Superior e Professora Orientadora da Christian Business School (CBS).

RESUMEN: Este artículo se propuso abordar la importancia de la educación antirracista asociada al pensamiento crítico en las escuelas, utilizando como herramienta analítica el cuento "María", de Conceição Evaristo, de su libro *Olhos d'Água*. Parte del reconocimiento de que la sociedad brasileña aún se ve afectada por desigualdades históricas derivadas del proceso de esclavitud, cuyas repercusiones se manifiestan en el racismo estructural. El objetivo general del estudio es sensibilizar a los estudiantes sobre el racismo y sus impactos negativos, destacando que vivimos en una sociedad aún profundamente marcada por los prejuicios. La investigación adopta un enfoque cualitativo, de tipo investigación-acción, desarrollado con clases de 9.º grado de una escuela pública. En cuanto al marco teórico, este estudio se basa en las contribuciones de autores como Mass y Silva (2022), Gomes (2023), Cosson (2020), entre otros. Los resultados indican que la articulación entre la alfabetización literaria y la alfabetización crítica favorece el desarrollo de la argumentación, la empatía y la conciencia social, además de fortalecer la valoración de la identidad negra en el entorno escolar. Se concluye que la literatura afrobrasileña constituye una herramienta pedagógica relevante para consolidar prácticas educativas comprometidas con la equidad racial y la transformación social.

Palabras clave: Educación antirracista. Alfabetización crítica. Racismo estructural.

INTRODUÇÃO

A história da formação social brasileira é marcada por desigualdades decorrentes do longo processo de escravização, cujos vestígios permanecem até a atualidade. O racismo é um desses vestígios ainda presentes. Por isso, abordar temas que tragam representatividade negra, identidade e ancestralidade é essencial para o desenvolvimento humano, pois permite que muitos indivíduos se sintam representados e fortalece sua identidade, reafirmando também a resistência.

No contexto educacional a Lei nº 11.645/08 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que inclui a obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nas matrizes escolares. (Brasil, 2003). Mesmo com essa obrigatoriedade, ainda é pouco discutido e explorado no ambiente escolar temas relacionados à questão étnico-racial, ao preconceito e à literatura africana. Por isso, surge a questão norteadora deste artigo: como trabalhar contos literários numa perspectiva de letramento crítico que contribua para a formação antirracista dos estudantes?

Sendo assim, é essencial que as escolas abordem, no Ensino Fundamental e Médio, os valores ideológicos, culturais e literários que fazem parte do cotidiano dos estudantes. Afim de valorizar essas vozes silenciadas que permeia a nossa sociedade. Pensando nisso, este estudo fundamenta-se na perspectiva do letramento crítico, que compreende a leitura como prática social capaz de promover reflexão, consciência política e participação cidadã.

O objetivo geral deste artigo é conscientizar os estudantes sobre o que é o racismo e os impactos negativos que ele provoca, evidenciando que vivemos em uma sociedade ainda profundamente marcada pelo preconceito. Além disso, busca-se analisar o racismo estrutural presente no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. Já os objetivos específicos são: (i) investigar a representação do racismo estrutural na obra de Evaristo; (ii) examinar a relevância do ensino da cultura afro-brasileira no contexto escolar; e (iii) fomentar a reflexão crítica dos estudantes acerca das problemáticas raciais presentes na sociedade brasileira.

Para alcançar os objetivos propostos, adotamos uma metodologia qualitativa do tipo pesquisa-ação. Quanto à fundamentação teórica, este estudo apoia-se nas contribuições de autores como Mass; Silva (2022), Gomes (2023), Cosson (2020) e outros. Contudo, a estrutura deste artigo organiza-se da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se o referencial teórico sobre racismo estrutural e educação antirracista e letramento crítico, em seguida, descreve-se a metodologia utilizada no desenvolvimento da atividade pedagógica, posteriormente, realiza-se a análise do conto “Maria”, e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Racismo Estrutural e Educação Antirracista

3

Tendo em vista que vivemos em uma sociedade brasileira que ainda carrega vestígios do racismo estrutural, presente tanto no dia a dia quanto nas redes sociais, é importante lembrar que o nosso povo passou por uma trajetória dolorosa. Por isso, sempre vale reforçar os caminhos para combater esse tipo de prática, começando pelo nosso próprio cotidiano. E é justamente nas escolas que esse trabalho precisa ganhar força, pois é onde os alunos aprendem e discutem fatos que fazem parte da sua realidade.

Quando falamos do racismo estrutural o autor Silvio Almeida (2019) explica que o racismo estrutural funciona como um mecanismo que atravessa a política, a economia, a cultura e o cotidiano, sustentando privilégios para alguns e negando direitos para outros. Assim, não se trata de um comportamento individual, mas de um sistema que molda a própria forma como a sociedade brasileira se organiza.

E isso afeta de uma forma que a sociedade reproduz padrões que não deveriam ser realizados, de acordo com Mass; Silva (2022), que enfatiza como o racismo brasileiro se perpetua em uma lógica social rígida e hierarquizada. Os autores reforçam que, “o racismo brasileiro está ligado a uma estrutura estamental, que o naturaliza, e não a uma estrutura de

classes” (Guimarães, 2005 apud Mass; Silva, 2022, p. 3). Isso significa que, desde o período colonial, a sociedade foi ensinada a ver pessoas negras como inferiores, sem espaços para elas terem vozes na sociedade, ou seja, silenciadas.

Muitas destas questões surgem por cauda de grupos políticos e religiosos com discursos discriminatórios sobre esse povo, no artigo de Mass; Silva (2022) afirmam que “políticos e lideranças [...] ressuscitam ideologias escravocratas” (Mass; Silva, 2022, p. 3), ou seja, reforçar um racismo na população de não dá espaço para esses indivíduos, não só espaço, mas conhecimento, pois sabem que o conhecimento é algo que pode mudar toda realidade social.

Para entender como essas ideias se formaram, o período colonial é essencial, pois ele é o ponta pé para todo o processo do racismo, e Mass; Silva (2022) descreve que nesse tempo “negras e indígenas eram vistos como animais sem almas” (p. 5), o que servia de justificativa moral e religiosa para a escravidão. A religião foi usada como ferramenta para catequizar os indígenas, povos originários da nossa terra, e também para legitimar a escravização dos negros trazidos à força. Ou seja, ao negar a humanidade desses grupos, o sistema colonial não apenas explorou sua força de trabalho, mas também construiu estigmas que atravessaram os séculos e que ainda hoje se manifestam, mesmo que de forma mais sutil.

Apesar de o racismo estar mais associado à população negra, por causa da nossa história, sabemos que essas práticas discriminatórias podem atingir qualquer raça ou classe social. A ideia de que uma pessoa é inferior apenas por causa da cor da pele não pode continuar sendo tratada como algo normal, ainda mais quando já existem leis que condenam essas atitudes e as reconhecem como crimes graves, inafiançáveis e imprescritíveis.

Neste contexto, a escola é um ambiente fundamental para trabalhar a desigualdade racial, porque é o lugar onde estamos formando estudantes com pensamentos críticos. Trazer literaturas que dialoguem com a realidade desses estudantes significa promover representatividade, construir identidade e valorizar vozes que foram silenciadas ao longo do tempo por causa do processo colonial. Ou seja, desconstruir essa barreira é de suma importância para o conhecimento dos estudantes.

Pensando nisso, para trabalhar com a educação antirracista, é necessário trabalhar em sala de aula com Literatura africana e afro-brasileira, pois ela permite que o aluno conheça outras culturas que se fazem presentes e marcadas em diferentes espaços sociais e construídas por diferentes características históricas, ampliando os seus conhecimentos multiculturais.

Assim, as atividades que inserem o aluno nas matrizes afro-brasileiras são necessárias para esse processo social.

E a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Com isso, entendemos que, no ambiente escolar, a questão étnico-racial precisa caminhar junto a uma perspectiva decolonial, a fim de quebrar os paradigmas trazidos pelo processo colonial.

A educação antirracista exige aplicação de conteúdos voltados para os estudantes numa perspectiva de adotar práticas pedagógicas que enfrentem as desigualdades, questionem privilégios e garantam espaço de fala e de protagonismo para sujeitos que historicamente foram colocados à margem da sociedade. Colman (2022) chama atenção para o fato de que muitas escolas ainda seguem uma lógica que favorece apenas uma narrativa cultural aquela visão “ocidental, branca e racionalista”, como aponta Candau (2011 apud Colman, 2022). Quando essa visão única predomina, experiências afro-brasileiras e indígenas acabam sendo silenciadas, o tipo da coloniedade do saber, o que acaba reforçando estereótipos e mantendo desigualdades dentro do espaço escolar.

Colman também destaca um problema recorrente nas escolas, e que só se aborda conteúdo voltados a matrizes africanas e afro-brasileira em datas comemorativas, e resulta no que Colman (2022) chama de “currículo multicultural folclorizado”, em que a diversidade é celebrada apenas de maneira superficial, sem questionar as relações de poder que sustentam o racismo (Canen, 2002 apud Colman, 2022, p. 6). Quando a diversidade é tratada como evento e não como princípio, reforçam-se desigualdades ao invés de enfrentá-las, pois não é uma quebra, é apenas uma falsa lembrança.

É importante celebrar essas datas, mas o conhecimento deve ser contínuo, não restrito a um único momento. Assim, implementar a Lei nº 11.645/2008 vai muito além de introduzir conteúdos novos: exige transformar o currículo, repensar práticas pedagógicas e construir um ambiente em que a pluralidade cultural do país seja respeitada e valorizada. Significa reconhecer que a escola não é apenas um lugar de transmissão de conhecimento, mas um espaço que pode enfrentar o racismo estrutural ou perpetuá-lo.

2.2 Letramentos literários na formação cidadã

Sabemos que trabalhar com a literatura no contexto escolar e de suma relevância, pois estimula o conhecimento crítico dos estudantes e principalmente no processo de leitura e

escrita. Nesse sentido, buscamos introduzir o letramento literário, que envolve a apropriação da literatura enquanto construção de sentidos de caráter literário. Ou seja, trata-se das experiências que o indivíduo vive no mundo e que ganham significado por meio das palavras. Como afirma Cosson (2020, p. 16), “a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo”.

E é justamente por essa capacidade de dar sentido ao vivido que o letramento literário se conecta ao letramento crítico. Ao aproximar o conteúdo escolar das experiências concretas dos estudantes, o letramento crítico possibilita reflexões sobre desigualdades de classe, gênero, raça e poder. Segundo Gomes (2023), esse processo integra o conhecimento escolar à realidade dos alunos, contribuindo para a formação de cidadãos críticos (p. 47). Mais do que um método de ensino, essa perspectiva compreende a educação como uma prática social transformadora, alinhada à concepção freiriana que orienta a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica.

O processo de aprender a ler e escrever, portanto, não se limita ao domínio da língua e abrange uma gama diversificada de conhecimentos sobre a sociedade e o mundo, incluindo aquilo que é construído dentro da escola. As práticas pedagógicas de letramento preparam os alunos para lidar com a diversidade presente na vida social, já que até mesmo o mercado de trabalho exige proficiência em leitura e escrita, habilidades que abrem portas não só para o exercício da cidadania, mas também para melhores condições socioeconômicas.

6

Dessa forma, a alfabetização busca apresentar aos alunos práticas significativas de leitura e escrita, desenvolvendo habilidades e competências que possuem grande valor social. Mais do que cumprir uma etapa escolar, trata-se de permitir que cada estudante reconheça sua própria voz e compreenda o mundo em que vive. Conforme explica, Gomes (2023), que o elemento central da prática pedagógicas, e constituindo base para o exercício da cidadania crítica (p. 73). Práticas pedagógicas autoritárias ou unidirecionais, segundo a autora, inviabilizam o desenvolvimento de sujeitos reflexivos e participativos.

Diante disso, percebe-se que o letramento literário, quando dialoga com o letramento crítico, deixa de ser apenas um exercício de leitura para se transformar em uma experiência de formação humana. A literatura abre espaço para que os alunos questionem, se sensibilizem e reconheçam as marcas sociais que atravessam suas vidas. E é nesse movimento que a escola ganha ainda mais sentido: ela se torna um lugar onde o estudante pode desenvolver autonomia, argumentar com mais segurança e compreender melhor o mundo que o cerca.

O papel do professor, nesse processo, é essencial. É ele quem aproxima o texto da realidade dos alunos e ajuda a transformar a leitura em algo vivo, que conversa com a história de cada um. No fim das contas, é essa aproximação que fortalece a formação cidadã e dá à leitura uma função que ultrapassa a sala de aula.

METODOLOGIA

A elaboração deste artigo nasce da experiência prática realizada na Biblioteca Ariano Suassuna, localizada na EREF Dom Pedro Bandeira de Melo, envolvendo turmas dos 9º anos do Ensino Fundamental Anos Finais. Durante as observações feitas nesse espaço, percebemos que muitos estudantes tinham contato com a leitura apenas em situações avaliativas, o que acabava limitando o interesse e a relação deles com os textos literários.

O estudo é de natureza qualitativa e de pesquisa-ação, integrando teoria e prática pedagógicas por meio de intervenções no contexto escolar. Interage com os alunos em seu processo de aprendizagem através do compartilhamento de conhecimento. Além disso, tem caráter exploratório, por que realiza mapeação e análises de práticas pedagógicas no ensino, contribuindo para a explicação e compreensão do fenômeno (Gil, 2008).

Sendo assim, escolhemos trabalhar com gênero conto, pois ele se relaciona a vivência destes estudantes. A nossa proposta de atividade realizada na instituição de ensino foi uma roda de leitura sobre o racismo estrutural a partir do conto “Maria”, de Conceição Evaristo. O conto, é bem relevante para falar do nosso contexto social, sabemos que a nossa sociedade foi desenvolvida em cima do sofrimento do povo preto, pois os mesmos sempre lutaram pelo seu espaço e a sua liberdade, e podemos evidenciar até nos dias atuais essas marcas identitárias que os mesmos carregam.

Foram desenvolvidas duas etapas. Na primeira, realizamos uma leitura compartilhada com os estudantes, que começaram a ler o conto juntos. Após a leitura, promovemos algumas intervenções dialogadas sobre a mensagem que o texto transmite e sobre o que eles haviam compreendido, incentivando-os a expressar suas interpretações, dúvidas e percepções acerca das situações narradas.

A segunda etapa correspondeu ao momento da reescrita do conto, realizada em grupos. Os estudantes produziram novas versões da narrativa, criando desfechos alternativos para a história. Na culminância da atividade, eles foram convidados a refletir sobre as marcas do

racismo estrutural presentes no texto, relacionando-as aos contextos sociais contemporâneos e às suas próprias vivências.

Esta ação demonstrou que a escola promove espaços de diálogo literário que se conectam à vida dos estudantes, o interesse pela leitura emerge de forma mais espontânea e engajada. Assim, o trabalho com o conto possibilitou aos alunos não apenas compreender elementos do texto literário, mas também reconhecer a literatura como ato de resistência e momento que resgata a identidade, ancestralidade e as vozes que são silenciadas passa a ter voz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da Roda de Leitura sobre o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, possibilitou a construção de um espaço de diálogo e reflexão crítica entre os estudantes dos 9º anos da EREF Dom Pedro Bandeira de Melo. No início da atividade, observou-se certa timidez por parte dos alunos, entretanto, à medida que a leitura avançava, eles se mostraram mais à vontade, passaram a interagir com o texto e compartilharam experiências relacionadas às suas próprias vivências.

O conto evidencia como a imagem marginalizada das pessoas negras ainda permeia o nosso convívio social. Mas o que isso tem a ver com a narrativa? Em “Maria”, a personagem principal é uma mulher negra, trabalhadora doméstica, responsável pelo sustento de seus filhos pequenos. O salário que recebia mal era suficiente para garantir os alimentos básicos, e muitas vezes sequer cobria o valor da passagem de ônibus para chegar ao trabalho.

Analisando está situação de Maria, podemos associar a nossa realidade, pois existem diversas mães que são como Maria, ou seja, é um reflexo do que realmente acontece na nossa sociedade. Porém, sabemos que mesmo com lei que estabelece o estatuto da igualdade racial e social, o nosso país sofre com a falta de oportunidade trabalhista e principalmente com vulnerabilidade de pessoas que vive na extrema pobreza.

Esse conto não só relacionou com a realidade dos estudantes, como deu um incentivo para os quais usar a criatividade para um novo desfecho da história. Na versão original, a autora relata que mesma foi espancada e não resistiu e faleceu ali mesmo no local. uma cena chocante, que evidencia o quanto a violência é frequente e o quanto ainda convivemos com a falta de empatia. Essa narrativa nos lembra que, no cotidiano, muitas pessoas são julgadas apenas pela aparência ou pela condição social, sendo alvo de olhares tortuosos e preconceituosos.

Evaristo ainda mostrar a morte de uma mulher negra assassinada pelo povo, ou seja, ressaltar um tema muitíssimo importante que é de casos de feminicídios, que no Brasil. O que mais causa indignação no texto é o fato de que Maria morreu injustamente, enquanto as pessoas ao redor nada fizeram para ajudá-la. Ninguém interveio, ninguém demonstrou empatia, ninguém ofereceu sequer uma escuta. Se aquelas pessoas tivessem se colocado no lugar de Maria, talvez o desfecho tivesse sido outro.

Contudo, trabalhar com o conto “Maria” favoreceu o desenvolvimento de habilidades de argumentação, escuta ativa e respeito às diferentes opiniões dos estudantes. Por que os quais conseguiram alcançar o objetivo da proposta que era desconstruir o racismo estrutural que há na nossa sociedade, e criar neles uma nova visão de respeito, empatia e inclusão com todos. Assim, a atividade mostrou-se eficaz para ampliar repertórios, desconstruir preconceitos e reforçar a importância de uma educação antirracista como prática constante no ambiente escolar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, a partir de uma perspectiva crítica e antirracista, revelou-se uma experiência pedagógica significativa para os estudantes dos 9º anos da EREF Dom Pedro Bandeira de Melo. A atividade possibilitou não apenas a ampliação do repertório literário, mas, um reconhecimento e importância acerca das literaturas afro-brasileira e africana para o contexto escolar.

A roda de leitura compartilhada mostrou-se fundamental para que os alunos compreendessem diferentes formas de pensar sobre o tema, aprendendo uns com os outros. Nesse processo, demonstraram protagonismo e autonomia, participando ativamente das discussões. Ao longo da atividade, foi possível observar que, à medida que se sentiam mais confiantes, os estudantes superavam a timidez inicial, adotando uma postura mais crítica, reflexiva e aberta ao diálogo.

Entretanto, as análises realizadas pelos estudantes foram cruciais para desenvolvimento da reescrita, pois eles colocaram a visão deles e como poderia terminar. Ao criarem novos desfechos, puderam expressar suas próprias visões e interpretações sobre a narrativa, relacionando Maria a mulheres reais que fazem parte do seu convívio. Muitos reconheceram, na personagem, a realidade vivida por diversas mulheres negras no Brasil, evidenciando como o racismo estrutural ainda atravessa o cotidiano de tantas famílias.

Além disso, as atividades favoreceram o desenvolvimento de competências fundamentais, como argumentação, escuta ativa, empatia e respeito às diferenças. Dessa forma, o trabalho com o conto contribuiu para a construção de uma prática pedagógica comprometida com a educação antirracista, fortalecendo o senso crítico dos estudantes e promovendo reflexões relevantes para sua formação cidadã.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645/08**, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

COLMAN, Daniele Gonçalves. Educação para as relações étnico-raciais e a Lei 11.645/2008: percepções de professores do Ensino Fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, v. 52, n. 79, p. 1-15, 2022.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Maria do Socorro de Lima. **Letramento crítico e formação cidadã: práticas de leitura na escola pública**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

MASS, Olmaro Paulo; SILVA, Pedro Almeida da. Racismo estrutural na sociedade brasileira e a exclusão social. *Opinião Filosófica*, v. 13, 2022.